



GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

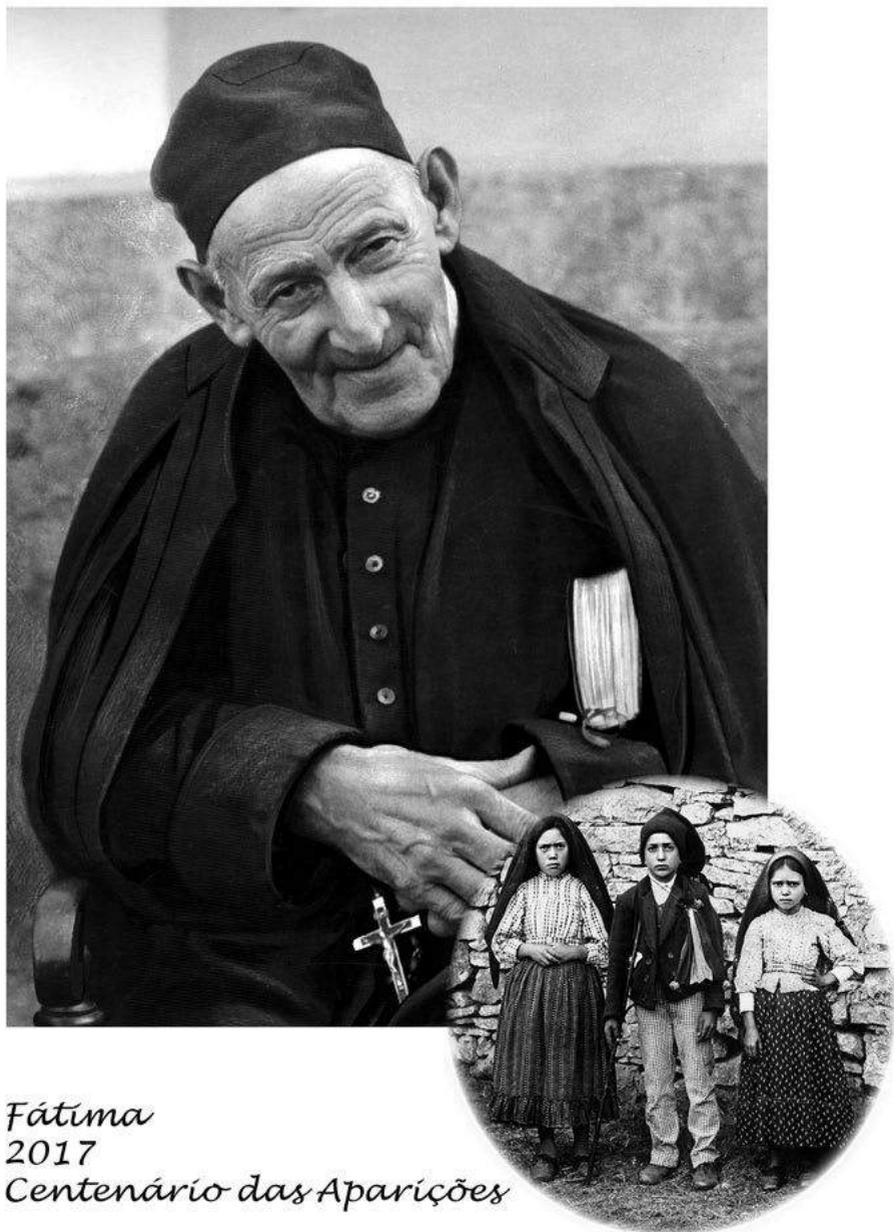
Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



*Fátima
2017
Centenário das Aparições*

Índice :

Abertura.....	pág. 3
P. Cruz: Um “Pastor com Cheiro a Ovelha”	pág. 4
Padre Cruz, Fátima, Pastorinhos.....	pág. 10
O Coração da Virgem Maria	pág. 16
Obrigado P. António Reis.....	pág. 21
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 22
Campanha de Missas	pág. 24

ABERTURA

É com imensa alegria que escrevo a primeira Abertura para o Boletim da Causa do Padre Cruz, depois de ter começado o meu serviço de Vice-Postulador a 1 de Outubro de 2016, na Eucaristia celebrada na Capela do cemitério de Benfica, no aniversário da morte do P. Francisco Cruz, s. j.

Neste número vamos dar particular atenção ao Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima e da devoção do P. Cruz a Nossa Senhora, ao diálogo dele com os pastorinhos, à primeira confissão da Lúcia, às inúmeras visitas do Venerável P. Cruz a Fátima, ao que ele mesmo disse sobre as aparições, etc.

É com alegria que apresentamos o primeiro artigo do Padre Nuno Tovar de Lemos, que pertence ao grupo de conselheiros do Vice-Postulador e que escreveu sobre a faceta do P. Cruz, “sacerdote que cheirava às ovelhas”, tema e frase célebre do Papa Francisco exortando os sacerdotes a servirem os mais pobres, os presos, os marginais, para serem “pastores que cheiram às ovelhas”.

Vêm depois duas transcrições de dois livros, a primeira de Maria Joana Mendes Leal, sobre Fátima e a presença e devoção do P. Cruz a Nossa Senhora, aos pastorinhos, ao Santuário, à riqueza das mensagens. A segunda transcrição é do livro do P. Dário Pedroso, o Vice-postulador que tem o título “Odisseia de Amor”, em que coloca o P. Cruz a falar de si mesmo e da sua devoção a Nossa Senhora, dos terços que rezava, do encanto que tinha em ir a Fátima e em rezar naquele lugar sagrado.

Torne-se apóstolo da Causa do Padre Cruz. Dê a conhecer este boletim.

P. Dário Pedroso, s. j.
Vice-postulador





P. CRUZ: UM “PASTOR COM CHEIRO A OVELHA”

Na sua primeira Missa Crismal (concelebrada por cardeais, bispos e cerca de 1.600 sacerdotes), o Papa Francisco exortou os religiosos a serem “pastores com cheiro de ovelha”. Esta expressão ficou rapidamente famosa. Por detrás dela está toda uma maneira de exercer o apostolado: em proximidade das pessoas e deixando-se tocar por elas.

O P. Cruz exemplifica - de um modo extraordinário - esta proximidade do pastor às ovelhas. E tal como Deus para se aproximar de nós assumiu a nossa humanidade, assim também a proximidade do P. Cruz às pessoas o fez acabar por partilhar muito da sua sorte e se tornar parecido com elas.

A que “cheirava” o P. Cruz?

1. “Cheirava” a pobres

Hospitais, bairros mal frequentados, cadeias... Onde houvesse pobres aí estava o P. Cruz. Não havia bairro ou casa em que ele tivesse medo de entrar. E quando se deparava com alguém necessitado (material ou espiritualmente) fazia tudo para aliviar a necessidade

dessa pessoa. Por isso muita gente lhe dava esmolas que ele aceitava logo por não serem para si. “Dão-me, é para dar! Não fica aqui muito tempo!”

As senhoras Caldas Machado contam a história de uma senhora que deu ao P. Cruz um envelope com dinheiro para uma batina nova. Só que ele, à porta da Igreja, viu uma mãe com um filho a chorar. Era viúva com 6 filhos pequenos e não tinha nada para lhes dar. O P. Cruz nem hesitou e deu-lhe o envelope que tinha recebido. A senhora viu e reclamou: “V^a Reverência sabe quanto deu? Eram 6 contos!” A própria varina pensou que era engano mas ele sossegou-a: “É para dar de comer aos seus filhos!”

Uma pessoa ia na rua e presenciou esta história. Viu o P. Cruz e um mendigo a aproximar-se dele. Percebeu que o mendigo estava a pedir-lhe dinheiro. Entraram os dois numa porta de escada. A pessoa que conta a história ficou curiosa a observar. Passado pouco tempo saíram. O pedinte trazia uma trouxa com as suas calças velhas e trazia agora vestidas as calças que o P. Cruz antes tinha vestidas por debaixo da batina!

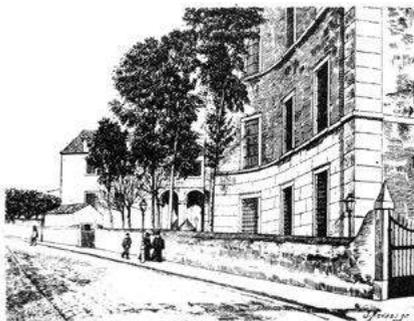
Tinha dinheiro para todos menos para si mesmo. Ele próprio era pobre. E “cheirava” a pobre. Como não tinha dinheiro para pagar os bilhetes das suas (muitas) viagens de comboio, eram outras pessoas que lhe ofereciam o bilhete ou os próprios revisores que o deixavam viajar sem pagar. Um dia viajava sem bilhete e encontrou um revisor que lhe disse que não o podia deixar viajar assim. O P. Cruz compreendeu perfeitamente e desceu logo na estação seguinte (esperando que alguém generoso ou um revisor compreensivo lhe tornassem possível apanhar um outro comboio). Só que o comboio, sem o P. Cruz a bordo, recusava-se a trabalhar! Foram os outros passageiros que insistiram que o P. Cruz voltasse a entrar. O revisor disse ao P. Cruz para entrar e o comboio voltou a funcionar e lá seguiu a sua marcha! Às tantas a CP acabou por lhe dar um passe...



2. “Cheirava” a presos

Escreve o Dr. Ervino Hemle S.A.C. no seu livro “O padre Cruz”:

“Sempre que (o P. Cruz) tinha uma hora livre, deixava o seminário (de Lisboa) para visitar os encarcerados” (no Limoeiro, onde começou a sua atividade de visitador). “Trazia sempre



Cadeia do Limoeiro

consigo um grande número de presentes. Um pequeno saco preto, que daí em diante o iria acompanhar sempre, escondia coisas preciosas para os prisioneiros, como cigarros, dinheiro, roupas quentes para o inverno, e leves para o Verão. Junto dos amigos fazia tudo o que fosse necessário para obter aquilo que alegrasse o coração dos infelizes.”

Quando estava em Lisboa ia com tanta frequência ao Limoeiro que muita gente, que não conhecia a sua morada em Lisboa, lhe escrevia para ali. Como se ele próprio estivesse na prisão!

Em determinada ocasião acabou mesmo por ficar preso, embora de forma não “oficial”. Aconteceu nos tempos conturbados que se seguiram à revolução de 1910. Quando se deu a revolução, o P. Cruz estava a pregar um retiro fora de Lisboa. Voltou à capital, onde a Igreja - e de uma maneira especial a Companhia de Jesus - era terrivelmente perseguida. Foi ao Limoeiro visitar um amigo seu que era monárquico. Quando terminou a visita e quis sair, disseram-me que esperasse porque o diretor da prisão queria falar com ele. Esteve uma semana sem poder sair da prisão... Sem que os registos alguma vez o declarassem preso, foi isso de facto o que, de facto, se passou.

3. “Cheirava” a Deus

O P. Cruz “cheirava” tanto a Deus que ainda em vida era aclamado como santo. Muita gente, para ficar com uma “reliquia” sua, cortava

bocadinhos da batina ou do forro do seu chapéu. Uma família conta que lhe conseguiu apanhar o chapéu para lhe cortar um pouco do tecido do forro mas... o chapéu já não tinha forro! A convicção da santidade do P. Cruz era generalizada: ricos e pobres, clero e leigos (e até mesmo anticlericais) respeitavam o P. Cruz como um homem de Deus.

A sua intimidade com Deus transparecia na sua oração (fazia diariamente mais de uma hora de meditação para além das celebrações, dos terços e das suas outras obrigações religiosas). Um homem que ficou só com ele diante do Santíssimo contava impressionado: “Eles estavam a falar um com o outro!”

Transparecia também esta sua intimidade com Deus na sua pregação. Um dia, ao orientar uma via-sacra na capela do Paço Episcopal, na presença do patriarca, ao chegar à estação em que “Jesus encontra sua mãe”, desatou a chorar compulsivamente. E todos com ele.

Vivia como quem já está do outro lado, no céu. A sua proximidade com Deus era tal que aconteciam com ele coisas muito raras e impossíveis de explicar sem a intervenção de Deus.

Uma vez, na igreja da Penha de França, em Lisboa, o P. Cruz não tinha podido dizer missa às raparigas pobres do Patronato mas quis confessá-las e dar-lhes a comunhão. As raparigas eram 15. Uma senhora ajudou-o a passar a bandeja às raparigas e conta. O P. Cruz abriu a píxide e exclamou: “Ah, que não chegam as partículas!” Só havia 4 ou 5. Não partiu e, no fim, ainda sobraram umas 3. No fim, quando ela lhe falou do facto, respondeu: “Deus tudo pode!” e desviou a conversa. No dia seguinte a senhora voltou à carga: Foi milagre de V^a Reverência? Ele respondeu: “Que ideia! Isso não se diz. Nosso Senhor queria vir a todas as criancinhas e permitiu que todas O recebessem”.



Um homem estava à beira da morte e em pecado. Uma senhora procurou, aflita, o P. Cruz, para que fosse atender ao moribundo mas não o encontrou. Pediu apenas ao anjo da guarda do Padre Cruz que os ajudasse. O doente morreu e a senhora perguntou a uma prima do homem se tinha chegado a ir lá algum sacerdote confessá-lo. A prima estranhou porque tinha ido o P. Cruz e tinha dito que ia da parte da D. Maria Adelaide. O P. Sebastião Pinto sj confrontou o P. Cruz com este episódio e perguntou-lhe como tinha sido aquilo. O P. Cruz respondeu simplesmente: “Coisas de N. Senhor...”

4. Só não “cheirava” a si mesmo...

O P. Cruz “cheirava” a Deus e aos pobres. Só não “cheirava” nada era a si mesmo... Há pessoas que “cheiram” muito a si mesmas: falam muito de si, vê-se que o “ego” impera nelas, etc. O P. Cruz não. Parecia totalmente desapegado da preocupação para consigo e com a sua imagem. Um dia um jesuíta (o P. José Leite) disse-lhe que já se andavam a vender retratos seus (para ver como o P. Cruz reagia). O P. Cruz não só não protestou como até indicou como se poderiam obter as suas melhores fotografias. Não viu nisso qualquer homenagem pessoal!! Se ajudava outros a aproximarem-se de Deus qual era o problema?!

Muitas vezes ia ao Ministério da Justiça interceder por algum preso. Um dia recebeu esta crítica de um alto funcionário no Ministério: “Tome cuidado Vossa Reverência com estes constantes pedidos para gente indigna, pois põe em jogo a sua reputação.” Ao que o P. Cruz respondeu: “a minha reputação é o único bem que eu possuo na terra e com prazer a empenho para ajudar um infeliz!”

A sua liberdade em relação a si mesmo fazia com que não desse mostras de qualquer ressentimento. Uma noite, em Setúbal, dois homens preparam-lhe uma emboscada para o matar. Um deles far-se-ia de doente necessitado de sacramentos mas com uma pistola debaixo da almofada, pronta a disparar sobre o P. Cruz. O outro iria ter com o P. Cruz à Igreja e levá-lo-ia até àquela casa, dizendo que

o amigo estava quase a morrer e pedia que o P. Cruz lhe desse os últimos sacramentos. Nós só conhecemos esta história porque uma mulher viu o P. Cruz entrar naquele bairro mal-afamado e - achando estranho - seguiu-os. Viu o P. Cruz entrar na casa e voltar a sair pouco tempo depois para dar, ao homem que o tinha guiado, a triste notícia de que o seu amigo já estava morto! O amigo ficou de tal



modo desarmado que contou a verdade ao P. Cruz levando-o a ver, inclusivamente, a pistola escondida por debaixo da almofada. “O meu amigo estava são e agora Deus castigou-o”. O P. Cruz não só não teve qualquer instinto de ressentimento mas pediu mesmo à mulher que não contasse nada a ninguém. Inutilmente, claro. A história espalhou-se rapidamente não só por Setúbal como também por Lisboa.

Numa outra ocasião, em Coimbra, numa visita à prisão, um recluso carteirista roubou a carteira do P. Cruz de dentro do seu alforge. O P. Cruz, ao querer dar cigarros e chocolates aos presos, deu pela falta do dinheiro. Mandou que todos fechassem os olhos e que o culpado pusesse a carteira sobre a mesa enquanto ele contava até 3. E assim aconteceu. A carteira foi devolvida. O mais estranho é que o P. Cruz não ficou “magoado”, não abandonou a sala ressentido, não deu nenhuma lição de moral ao infrator: apenas riu com os presos, e continuou a sua visita, distribuindo o dinheiro entre todos.

Resumindo: quando o Papa Francisco diz que o Pastor deve “cheirar” às ovelhas, é muito fácil reconhecer isto no P. Cruz! E sabemos que era assim porque - antes de mais - ele “cheirava” a Deus.

P. Nuno Tovar de Lemos, s.j.





Padre Cruz – Fátima – Pastorinhos

Fátima mereceu ao Padre Cruz, desde a época das Aparições, um grande interesse, prudente, mas mais confiante que suspeito.

«Assim que a autoridade eclesiástica se pronunciou, foi inteira a minha certeza, e logo corri a Serra de Aire como peregrino e penitente».

Antes disso, já lá tinha ido dum modo particular e discreto.

Uma das videntes, Lúcia, relatou o seu primeiro encontro com o servo de Deus:

«Foi também um dia, por sua vez, o senhor Dr. Cruz de Lisboa, a interrogar-nos. Depois do interrogatório, pediu-nos para lhe irmos mostrar o sítio onde Nossa Senhora nos tinha aparecido. Pelo caminho ia uma de cada lado de Sua Rev.^a, montado num jumento tão pequeno, que quase arrastava os pés pelo chão. Foi-nos ensinando uma ladainha de jaculatórias, das quais a Jacinta recolheu duns que depois não cessava de repetir e eram:

Ó Meu Jesus, eu Vos amo!

Doce Coração de Maria, sede a minha salvação!»

Interrogada a Pastorinha, já Carmelita, sobre esse primeiro encontro com o Padre Cruz, confirmou o que já tinha declarado ao senhor Bispo de Leiria (e que acabamos de citar).

Escreve assim, do Carmelo de Santa Teresa, de Coimbra: «Interrogou-nos sobre as aparições, pediu-nos para irmos à Cova da Iria mostrar a sua Rev.^a a carrasqueira onde Nossa Senhora tinha aparecido; pelo caminho, que fez montado numa burrica, foi-nos ensinando várias jaculatórias a Nosso Senhor e a Nossa Senhora, aconselhou-nos a sermos bons, a fugir das más companhias, e disse-nos que não tivéssemos medo, que não era o demónio, mas sim Nossa Senhora quem nos aparecia. Isto na primeira visita, depois voltou lá várias vezes, mas não me recordo quantas, nem as datas».

O Padre Joaquim da Silva Mourão completa com algumas notas a história dessa primeira ida a Fátima.

Diz que aí por fins de Junho ou Julho de 1917 (a Primeira Aparição tinha sido em 13 de Maio do mesmo ano), o Padre Cruz foi ter com ele a Pedrógão (Torres Novas), pedindo-lhe para o acompanhar a Fátima, distante dali 28 kms.

Lá foram, no dia seguinte, a caminho de Fátima; o Padre Cruz montado numa jumentinha que pertencia ao Padre Mourão e este sobre uma muar.

A intenção do Padre Cruz — diz o Padre Mourão — era confessar os videntes. Mas em face de tanta inocência e simplicidade, nem em confissão lhes falou. Acreditou! Era impossível admitir naquelas crianças qualquer fraude ou impostura.

Tinha razão a Jacinta. Quando lhe disseram, para experimentá-la e meter-lhe medo, que iria vê-las um Padre que adivinhava e lia nos corações, ela ficou muito contente e exclamou:

— «Quando virá esse senhor Padre que adivinha? Se adivinha, há-se saber muito bem que falamos verdade!»

Existe ainda um facto, relativo ao Padre Cruz e a Lúcia, que é interessante registar.

Deixemos que a Irmã Lúcia no-lo conte:

«Recordo que estando eu na igreja a chorar por o Pároco se negar a dar-me a Comunhão, tendo-ma prometido se eu aprendesse a Doutrina, entrou na igreja o senhor Padre Cruz, que tinha ido para ajudar o Pároco naqueles dias, e informado do motivo das minhas lágrimas, levou-me pela mão para a Sacristia, interrogou-me sobre a Doutrina,



voltou depois comigo junto do Pároco, convenceu Sua Rev.^a a deixar-me comungar, dizendo que tomava a responsabilidade, e que queria, ele mesmo, no dia seguinte dar-me a Sagrada Comunhão. Levou-me depois para junto da porta da sacristia, sentado em um banqueto, sem confessorário aí me confessou, e no dia seguinte deu-me a Sagrada Comunhão».

Foi, pois, das mãos do Padre Cruz, antes de ter comungado das mãos do Anjo na «loca», que pela primeira vez, em 1913, a mais velha dos videntes recebeu o Corpo do Senhor.

E foi dos seus lábios que ela recolheu os conselhos que haviam de ser lembranças da sua Primeira Comunhão, para a vida inteira: «Que a sua alminha era o Templo do Espírito Santo... que a guardasse bem pura... que pedisse à Virgem Santíssima que preparasse o seu coração para receber dignamente a Nosso Senhor Sacramentado...».

E ela lá foi ajoelhar diante do altar de Nossa Senhora do Rosário — a Senhora que quatro anos depois desceu do céu e pousou sobre a carrasqueira, para lhe confiar os seus segredos...

Mais tarde, já religiosa, Lúcia relatou por escrito os conselhos que o Padre Cruz lhe deu e outros pormenores dessa primeira confissão.

Recorda que tendo pedido a Nossa Senhora, conforme o Padre Cruz recomendara, que guardasse o seu coração só para Deus, e repetido com insistência infantil esta súplica, lhe pareceu que a Virgem lhe sorria e lhe dizia que sim...

E recorda também que, no dia seguinte, ao comungar pela primeira vez, se sentiu igualmente envolvida numa atmosfera sobrenatural e, tomá-la do sentimento da presença de Deus, pediu ao Senhor que «guardasse o seu coração sempre puro, que guardasse o seu coração todo para Ele».

E como na véspera acontecera com Maria, pareceu-lhe também que Nosso Senhor lhe prometia a graça pedida.

Simple impressões duma almazita inocente e fervorosa? Humildemente, a Carmelita não ousa garantir a realidade destes factos:

«Todos estes factos teriam sido bem reais? Não terá sido uma ilusão de criança?... Não sei. Mas o que sei, o que é certo, é que tudo isto exerceu e exerce ainda hoje uma influência profunda na união de minha alma com Deus».



Capelinha das Aparições

Mais tarde, ignoramos a data, chegou o dia da sua Comunhão Solene. Na véspera, o Pároco mandou que todas as crianças fossem à igreja para se confessar. Lá estavam, para as atender, vários sacerdotes e, entre eles, o Padre Cruz. Lúcia, que se lembrava bem do Servo de Deus, a quem fizera a sua primeira confissão, de novo lá voltou, e podemos supor que lhe repetiria os conselhos dados em 1913.

Parece-me estar a ver o Padre Cruz e os três pastorinhos, sentados sobre as pedras da Cova da Iria, como ela era nesse tempo...

O Padre Cruz tinha então 58 anos de idade, mas já tão alquebrado pelas doenças e trabalhos que a Jacinta, com a sua simplicidade infantil, disse-lhe: «Vossemecê já está bem velhico!»

Que graça ele lhe achou! Repetia muitas vezes este dito da pastorinha, com os olhos a rirem-se de ternura!

A seu lado, ela, a Jacinta, com 7 anos, Francisco com 9 e Lúcia com 10. Nenhum deles era bonito. Mas que lindas deviam ser as suas almas, para Nossa Senhora os ter escolhido!

O Francisco, já vestido como um homem pequeno, de calça comprida. Elas, como mulherzinhas em miniatura, de saia até aos pés, blusa e avental.



Parece-nos vê-los no aspecto primitivo da Cova da Iria, hoje tão mudada.

Bouças pedregosas e maninhas, onde no mato crescem azinheiras; aqui e ali, retalhos de terra arável, divididos por baixos muros de pedras acinzentadas, terras de pão e azeite a fartura daquela pobre gente. Moinhos de velas brancas, formando cruz, giram, tocados pelo vento, nos cabeços dos montes. E lá para além, fazendo fundo aos Valinhos (onde Nossa Senhora apareceu no dia 19 de Agosto), as lombadas nuas da Serra de Aire.

Lúcia, a mais velha e desembaraçada (a única que falou a Nossa Senhora), mostrou ao Padre Cruz onde estavam «a fazer uma casa» (brincadeira de que muito gostavam), quando viram brilhar o relâmpago...

Pensaram que era uma trovoada que se aproximava, e juntaram as ovelhas para se irem embora. Ao chegarem ao fundo da «Cova» ali! — outro relâmpago deixou-os cheios de medo. Olharam para o lado, e em cima duma carrasqueira pequenina — ali! — viram uma Senhora vestida de branco e mais brilhante do que o Sol. Era tão bonita! Tinha um ar muito bom e sorria para eles. Mas... estava triste!

E a Lúcia contou o que a Senhora lhes disse...

No fim, rezaram todos juntos o Terço, ali, onde a Senhora apareceu.

Quantas vezes, depois da Lúcia ter entrado para o Convento e Jacinta e Francisco terem ido para o céu que Nossa Senhora lhes prometera, o Padre Cruz, de joelhos na Cova da Iria, terá recordado aquele primeiro Terço que ali rezou com os humildes pastorinhos!

Quantas vezes, no desfiar das contas, ele ali repetiu as palavras que Nossa Senhora lhes ensinou para intercalarem entre os mistérios do Rosário:

Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do infemo e aliviiai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas».

Quantas vezes, com os joelhos doridos em longas noites de adoração sobre as pedras mortificadoras da Cova da Iria, ele terá recordado o pedido de penitência da Senhora Aparecida!

E quantas vezes, ele ali deu gosto à Senhora, ajudando-A a converter os pecadores e a levar as almas para o céu!

— Gosto muito de ir a Fátima — dizia 28 anos depois. Sabe bem rezar na Cova da Iria. Rezar, sofrer, amar... Demais, há tantas almas que vão la carregadinhas de angústias e segredos... Lançar-lhes a mão, ampará-las no desejo de se reerguerem, enchê-las de Deus — que consolação maior pode haver para o coração de um Padre?

Afligia-o que houvesse pessoas que em Fátima se não pudessem confessar por falta de sacerdotes para ouvi-las.

As últimas palavras que escreveu para o público foram um apelo aos sacerdotes para que generosamente atendessem os penitentes que, em Fátima, quisessem confessar-se:

«A uma pessoa que tinha ido ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, perguntei se tinha recebido os sacramentos da Confissão e Comunhão. Respondeu que não, e eu advertindo-lhe que havendo lá tantos sacerdotes, devia aproveitar-se dessa graça, respondeu-me que nem todos confessavam.

Esta resposta despertou em mim desejos de pedir a todos os meus colegas que usem em Fátima as faculdades que têm na Diocese, conforme autoriza o senhor Bispo de Leiria. Todos no Santuário usem a sua batina, prontos e até desejosos de ouvirem as confissões dos penitentes.

A nossa Mãe Santíssima tanto recomendou a oração e penitência. Amemos pois muito a oração e o Sacramento da Eucaristia, para o recebermos com frequência e administrarmos com zelo.

Se formos a Fátima, tendo-nos confessado há mais de 8 dias, não devemos vir de lá sem recebermos este Sacramento, e sem confessarmos ao menos quinze pessoas em honra dos quinze mistérios do Santo Rosário».

E mais adiante, no mesmo artigo, escreve:

«Já fiz 89 anos, e além de velho tenho estado doente... Já não tenho forças para ir a Fátima; mas quando as tinha, gostava muito de ir àquele Santuário bendito para ter a consolação de rezar com os fiéis e administrar o Santo Sacramento da Penitência, principalmente às pessoas que nunca o tivessem recebido ou andassem desde há muitos anos sem o receberem».

Maria Joana Mendes Leal, *O Santo Padre Cruz*, pp. 188-194.



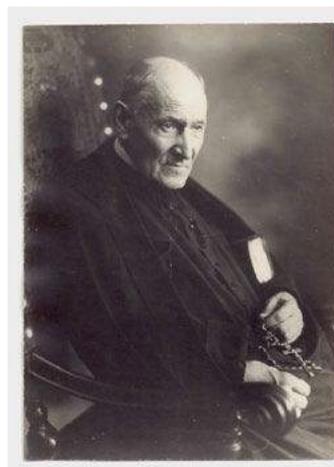
O Coração da Virgem Maria

Já te falei, meu caro amigo, dos meus terços e dos meus rosários, vários por dia, às vezes eram mesmo muitos, como devoção mariana e confiança no amor e no Coração da Mãe. Esta noite, neste serão, queria falar um pouco mais desta maravilhosa realidade. Vivi sempre convicto que Nossa Senhora, como Mãe de Jesus, como Mãe de Deus e nossa Mãe, tem por nós particular amizade, amor, carinho maternal. Sinto-o muitas vezes quando recorro a Ela. Penso que se Jesus, já quase A hora da morte, nos deixou Maria como Mãe, é porque esse «tesouro» é muito importante nas nossas vidas, na vida da Igreja e da Humanidade. Penso também que, como S. João, cada um de nós, deve levar Nossa Senhora para nossa casa e tratar d'Ela com o amor que a Virgem Maria, como Mãe, merece e tem direito. Não me canso de pensar n'Ela, de contemplar as suas virtudes, de meditar nas passagens do Evangelho que falam d'Ela. Não me canso de Lhe cantar louvores e de repetir com o Arcanjo Gabriel: «Avé Maria, cheia de graça». Plena de todas as virtudes, concebida sem pecado, Nossa Senhora encanta-me pelo seu viver, o seu modo de amar, de servir, de rezar. É a Virgem dada à oração, ao louvor em Magnificat, à oferta no Templo e no Calvário. Reza sozinha contemplando no seu Coração, reza com a Comunidade dos Apóstolos no Cenáculo à espera do Espírito Santo, reza, hoje, no Céu depois da sua Assunção. Por isso confio muito n'Ela, Lhe entrego problemas, pecadores, dificuldades, assuntos difíceis, e a Mãe tudo me resolve como só Ela sabe fazer. É mesmo Mãe carinhosa, bondosa, amiga, tem um Coração verdadeiramente maternal. É a edição feminina da «odisseia do amor».

Não me lembro se já te disse que sempre gostei muito de participar nas festas e procissões em honra de Nossa Senhora, quer aqui em Lisboa, como a Senhora do Socorro, da Ajuda, das Mercês, quer por esse Portugal além. Mas já em Coimbra, como estudante de teologia, eu pertenci à Congregação Mariana, e daí me veio sempre a alegria de amar

muito Nossa Senhora. Gostava muito que me pedissem para pregar nas Festas em honra de Nossa Senhora e ficava contente de Lhe prestar essa homenagem. Às vezes, entusiasmava-me tanto que não conseguia parar o sermão. Sobre Maria Santíssima tenho sempre que dizer. Ela e eu passamos muito tempo juntos a conversar. As vezes, de noite, quando não durmo, falo com Ela, conversamos os dois. E daí me vem depois o gosto de falar d'Ela, de A dar mais a conhecer, de falar dos seus mistérios e das suas virtudes. Quando fui a Roma, de cuja peregrinação já te falei, muito gostei eu de visitar e rezar nas Basílicas Marianas, diante das imagens de Maria, diante de quadros e retábulos com a sua pintura, como no altar do presépio em S. Paulo fora de Muros. Ficava encantado, não sei se em êxtase, com a devoção que sentia por Maria, ali na terra onde vive o Papa e onde morreram os Apóstolos Pedro e Paulo. Nunca fui a Éfeso mas gostaria de ter ido, pois, talvez não saibas, foi nesta cidade que Nossa Senhora foi proclamada, num Concílio, Mãe de Deus. Só pensar nisso me comove. Uma criatura ser Mãe de Deus. Mas é verdade, pois é Mãe do Verbo de Deus, do Filho do Pai Eterno, que Se fez homem no seu seio e que Ela deu à luz no dia de Natal. Os mistérios de Maria cruzam-se sempre com os de Jesus. Onde está o Filho está a Mãe. Por Maria até Jesus. E por Jesus até Maria, pois Ele quer que A amemos e que confiemos no seu Coração maternal, vivendo com Ela a «odisseia do amor» divino.

Senti uma alegria muito grande, como já te referi num destes serões, quando Nossa Senhora Se dignou aparecer aos Pastorinhos em Fátima. Fui lá várias vezes, falei com as crianças, confessei a Lúcia, participei em algumas das primeiras e grandes peregrinações. Falei com o Sr. Cónego Formigão, um dos principais autores a começar a escrever acerca de Fátima, falei várias vezes com o primeiro bispo de Leiria, da diocese



restaurada, etc. Daí para cá não me canso de acompanhar as procissões da imagem peregrina, sou chamado a ir às paróquias falar sobre Fátima e a mensagem de Nossa Senhora. A mensagem de Nossa Senhora, meu caro amigo, encanta-me, porque dum modo claro e simples, embora difícil e exigente, fala do essencial do Evangelho: oração, muita oração, penitência, muita penitência e sacrifícios, conversão de vida, de costumes, mais fidelidade ao amor de Deus. E Nossa Senhora, aliás o Anjo, no ano anterior, ou seja em 1916, também, foi muito clara ao afirmar que somos todos responsáveis pela salvação uns dos outros, que há pessoas que se condenam, que vão para o Inferno porque não há quem reze e se sacrifique por elas. Numa das aparições, penso que sabes isto e já o ouviste talvez muitas vezes, afirmou: «não ofendam mais a Nosso Senhor que está muito ofendido». Parece uma Mãe que pede para não magoarmos e ofendermos o Filho. Que coisa tão impressionante. Mas nós continuamos a pecar, a ofender muito a Deus nosso Senhor, a faltar às leis da Igreja, a viver vidas de grandes e muitos pecados. Continuamos os adultérios, os roubos, os abortos, as fraudes, as injustiças, os crimes de vária ordem, a má língua, as calúnias e murmurações, os egoísmos e comodismos, a falta de oração e de vida sacramental séria e cuidada. Quanto cristão falta à Missa do Domingo? Quantos não se confessam todos os anos? Quantos não comungam ao menos por ocasião da Páscoa? Há gente inocente nas cadeias, há gente a ser humilhada, ultrajada, a sofrer pancada dentro da própria casa. Há pessoas que são caluniadas, de quem se murmura e difama. E tudo isto é grande pecado. É por causa destas coisas todas que eu choro muitas vezes quando penso nos pecados dos homens e das mulheres. Temos que mudar de vida. Tu e eu. Todos. A «**odisseia do amor**» assim pede e reclama de cada um de nós.

Ainda te não falei de um assunto, pois até tenho certo pudor em falar dele, mas a mensagem da Senhora em Fátima e o pedido e convite do Anjo na Loca do Cabeço levam-me a ter contigo este desabafo. Eu já fazia muita penitência, já dormia no chão ou numa cadeira, já me alimentava pouco e jejuava com frequência, já usava o cilício na perna, já me chicoteava com a disciplina, mas desde que em Fátima se pediram

penitências e sacrifícios, aumentei ainda mais esta maneira de responder aos apelos do Céu. É preciso penitência e há tão pouco quem a faça e sinta desejos de a fazer. Mas sem penitência não há salvação, não há conversão, não há graça a encher as almas. Precisamos de aumentar, talvez actualizar as penitências, mas temos que fazer muita. Conheço uma senhora que a sua maior penitência é não usar jóias ou adornos e quando quer oferecer a Deus sacrifícios é isso que dá e oferece. Também conheço outra que lhe custa muito deixar de se pintar. Mas em dia de penitência parece-lhe ser essa renúncia o que mais lhe custa dar a Deus. Um cavalheiro dizia-me não há muito, quando eu lhe falava na necessidade de penitência, que a maior para ele era passar um dia sem beber álcool, vinho ou outra bebida. Outro falava que deixar o álcool não lhe custa, que é grande penitência deixar o tabaco. Deixar de fumar é para ele um grande sacrifício. Como vês, somos diferentes e cada um terá o seu modo de fazer mais penitência, de se sacrificar mais. Importa fazê-la. O mundo precisa dela. Sei que há quem não só não goste e não a faça, como lhe não compreende o valor. A esses é necessária uma catequese maior, uma descoberta por dentro do valor do sacrifício, unido a Jesus Vítima, para colaborar na obra da Redenção, para ajudar a converter pecadores, para reparar os pecados do mundo, para ajudar a Igreja a ser mais santa. Fátima é apelo contínuo à penitência. Não podemos deixar de ouvir esse apelo. Também passa por aqui a «**odisseia do amor**» de um Deus que foi à Cruz e à morte. Sem sacrifício não há salvação nem graça. Quando fazemos e oferecemos sacrifícios e penitências estamos unidos a Jesus Vítima, estamos a completar a sua Paixão, estamos a ser «hóstias vivas», estamos a ser «gota de água» que se mistura no vinho no ofertório da Missa. O Pai do Céu aceita todas essas penitências e une-as ao sacrifício redentor de Jesus, faz-nos ser vítimas oferecidas com Ele, faz-nos ser grão de trigo que se imola para dar vida. É tão belo pensar no valor da penitência e dos sacrifícios oferecidos por amor e com amor. Ficamos a ser «redentores» com Cristo Redentor. Não achas urna missão sublime, grandiosa, salvadora? Que pena dá que nem todos pensem assim. Volto a dizer-te que se Nossa Senhora pediu penitência e sacrifícios, é porque o mundo e a



Igreja necessitam muito deles. Precisamos de ter fé e humildade para aceitar estas propostas do Céu. Temos que ter ouvidos para ouvir estes apelos, mesmo que nos custem muito, que nos seja difícil colocá-los em prática. Mas é uma bela e fecunda «**odisseia de amor**».

Com Nossa Senhora parece-me que tenho aprendido tudo. Ela é um livro aberto, um «catecismo vivo», o Evangelho vivido. Recordo sempre aquela palavra sábia de S. Tomás de Aquino: «a devoção leva à imitação d’Aquele a quem rezamos». É isso mesmo, a imitação. Caso contrário, a devoção é infecunda e estéril. Tenho que imitar sempre mais Nossa Senhora, olhar para Ela para aprender as suas virtudes, as suas maneiras de ser, de rezar, de sofrer, de amar, de ser fiel. Maria Santíssima, meu caro amigo, é a Senhora do Sim, é a Virgem fiel, a Senhora que nunca disse não a Deus, à sua Palavra, ao seu plano de amor. Temos de, como Nossa Senhora, ser um sim contínuo à vontade do Pai. Quando rezo os meus terços, quando olho para uma estampa com a figura da Virgem, quando olho para urna imagem, quando torno parte numa procissão, vou sempre pedindo essa graça da imitação: «Faz-me como Tu, Maria»; «Ensinai-me, ó Mãe, a ser como Vós»; «Quero ser como Vós, Senhora». Não me canso de repetir essas preces. Fico horas seguidas a dizê-las baixinho, cá dentro do coração, repetindo sem cessar, mesmo já cansado e com sono, vou dizendo, repetindo, pedindo, suplicando. Às vezes parece-me que Nossa Senhora fica muito contente, que olha para mim e que sorri, mas deve ser imaginação rainha. Mas ficar contente fica, pois me faz sentir a sua alegria de Mãe dando-me dons e graças, fazendo-me tantos favores espirituais. E é verdade que quando sou chamado por causa de um doente que se não quer converter e confessar, peço muito a Nossa Senhora e Ela me alcança essa graça, me prepara o caminho, vai abrindo o terreno e dando jeito ao coração.

Dário Pedroso, S.J., *Odisseia de Amor*, pp. 89-95.

Pode também pedir este livro, *Odisseia de Amor*, ao Secretariado da Causa de Beatificação e Canonização do Padre Cruz
Apartado 2661 * 1117-001 Lisboa

OBRIGADO P. ANTÓNIO REIS

Com muita gratidão o Secretariado da Causa do Padre Cruz e o novo Vice-Postulador agradecem ao P. António Reis o serviço e a dedicação que ao longo de 28 anos deu à Causa de Canonização do Servo de Deus. Foram muitos anos de generoso trabalho pela Causa. Muito obrigado ao P. António Reis.

O Padre António Reis nasceu a 3 de março de 1936, em Gandra, Gondomar. Entrou na Companhia de Jesus a 3 de setembro de 1952 e conclui os estudos Humanísticos e Filosóficos em Braga, em 1960. A seguir foi enviado para Moçambique onde trabalhou durante 3 anos. Regressou à Europa e foi enviado para Espanha e estudou teologia em Barcelona a partir de 1963. Foi ordenado sacerdote a 3 de Julho de 1966.

Em 1967 regressa a Moçambique onde exerceu um frutuoso e dedicado apostolado missionário. Foi raptado em 1987. Libertado um mês depois, regressa a Portugal no final de 1987, assumindo, entre outras missões, a de Capelão da Igreja de S. Roque, em Lisboa, e de Ecónomo da Província da Companhia de Jesus, e de Superior da Residência da Companhia na Rua da Lapa e em 1988 assume o cargo de Vice-Postulador da Causa de Beatificação e Canonização do Padre Cruz.

Movido pelo carinho que sempre dedicou ao “seu” *Santo* Padre Cruz, abraçou esta nova missão com o objetivo de fazer avançar o processo para a Beatificação do Padre Cruz. Trouxe novo fôlego ao Processo de Canonização do Padre Cruz, reiniciando-o e trabalhando para que chegasse à fase atual. Cuidou da Causa de Canonização do Padre Cruz e através, por exemplo, da revista “Graças do Padre Cruz SJ”, cuja publicação prosseguiu, renovando-a, divulgou e deu a conhecer o Padre Cruz.

Pela sua dedicação, P. António Reis, um grande obrigado!

P. Dário Pedroso, s.j.



Agradeço ao Padre Cruz por...

Um sobrinho, que estava em vistas de não passar o ano letivo de 2013, na altura das férias da Páscoa, o ter feito. *Natalina Serra (Torres Novas)*.

O meu neto, que esteve muito tempo à procura do primeiro emprego, estar já bem empregado. *Maria Beatriz Lima (Lisboa)*.

O meu filho, que fez uma pequenina operação ao pé, melhorasse depressa e assim foi, graças a Deus não foi nada de mal. *Maria Margarida Arruda (Manitouwadge, Canadá)*.

Todas as graças concedidas em todos os pedidos que fiz e a ajuda a mim e à minha família, especialmente a graça do meu filho ter conseguido o seu estágio profissional. *Maria José Carvalho Taveira (Amarante)*.

Salvar dos exames a minha filha, que teve bom resultado. *Maria da Conceição Fernandes Cruz (Meadela)*.

O meu filho, com 56 anos, que teve cancro na próstata, estar curado. *Margarida Gonçalves Derouen (Cocoa, EUA)*.

A cura de insónia que sofri durante bastante tempo quando era jovem e a mesma graça que este fiel amigo obteve do Senhor para o meu filho. *Maria da Silva*.

Depois de ter feito vários exames ao coração e terem decidido fazer operação, outra médica me dizer que agora ainda não seria operada. *Ludovina Rosa Meira Marmelo (Portalegre)*.



DERAM ESMOLA e AGRADECEM GRAÇAS

Maria de Fátima Fernandes Pinto Mora Araújo (Mirandela); Maria Paula Viera Abreu (Caniço, Madeira); Maria Conceição Ponte e Maria Esperança Jesus Ferreira (Funchal, Madeira); Salvador Ballester Ramos e Sara Barbosa Ramos (Barroselas); Maria Alina Santos Garcia (Porto); Tresinha Freire (Sosa); Maria Conceição da Ponte (Câmara de Lobos, Madeira); Emilia Soares da Silva (Portimão); Maria Azevedo da Silva (Porto); Rosélia de Fátima Correia Vicente Gomes (Paderne); Francisco Loureiro (Viana do Castelo); Maria Alice Barbosa de Oliveira (Paredes); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria José Sousa Melo (Porto); Beatriz de Fátima da Conceição Morais (Coimbra); Jacinta Dias Martins Santos (Fundão); Maria Teresa Medeiros Vieira (Santa Bárbara, Açores); Maria Glória Ferraz Soares (São Paio de Merelim); Mário Andrade (Rio Tinto); Branca Hermínia da Silva Spiry (Santarém); Elza Santana (Pontinha); Antonieta Avelar (Toronto, Canadá); Maria Sameiro Ruivo (Amadora); Maria Manuela F. R. Sousa (Lisboa); Maria da Anunciação (Lisboa); Maria de Lurdes Bastos (Lisboa); Carmina Matos (Aigualva-Cacém); Maria Custódia Soares (Corroios); Luis Filipe e Sandra Cristina; Évila Carreira Páscoa Soares (Amora); Alzira Conceição Carrapiço Nunes Ralo (São Salvador de Aramenha). Victor Manuel Sousa (Amadora); Margarida Morgado (Etobicoke, Canadá); Teresa Maria Santiago Silva (Viana do Castelo).





Igreja de Alcochete

Mandaram celebrar Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Glória Mendes Santos Pita (Almada); Teresa da Conceição Dias de Sousa (Caldas de Vizeira); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Benavente); Angelina Barbosa Marinheiro (Vila Verde); Maria Emilia de Sousa (Lisboa); António Xavier Forte (Escudeiros); Guilhermina Maria Correia Ribeiro dos Santos (Faro); Alípio Lopes Gomes (São Pedro da Torre); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Lisboa); Maria Fernanda Mendes Coelho (Peniche); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Maria Custódia Soares (Corroios); Luis Filipe e Sandra Cristina; Ema Luísa Cagica Calado (Lisboa); Anabela Santos Oliveira (Rio de Mouro); Clemência Graça Almeida (Lisboa); Mavilde Graça Almeida (Lamego); Rita

Moura Vigário (Gondomar); Eva Santos (Petaluma, EUA); Maria Carmo Pereira Macedo (Baixa da Banheira); Maria Fernanda Magalhães C. Carvalho Oliveira (Granja do Ulmeiro); Gracinda Fernandes Santos Leucádia (Geraz do Lima); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (Bordinhos); Maria Luísa Gomes Correia Santos Almeida; Maria Arménia Agria (Coimbra); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Manuela Santos Pereira, Paula Henriques (Lourinhã); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Luísa G. Correia Santo; Angelina Pereira Martins (Guimarães); Manuel Pereira (Mangualde).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

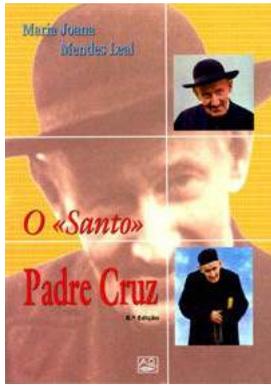
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

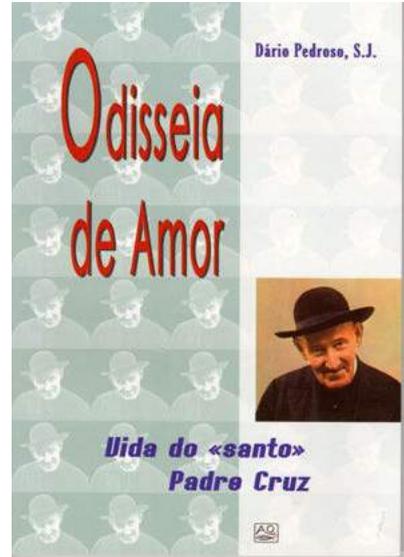
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 1.500 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.